

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTÁDIO DO ESPELHO E OS ESQUEMAS ÓPTICOS DE LACAN

Márcio José da Silva¹

RESUMO

Neste trabalho tomamos como ponto de partida a questão do narcisismo visando analisar o modo como Jacques Lacan utiliza-se de alguns esquemas ópticos para formular sua teoria do Estádio do Espelho. Lançando sobre esses esquemas um olhar de professor de Física, descrevemos como ocorre a formação das imagens em situações físicas diferentes daquela que foi explorada por Lacan. A partir da teoria lacaniana, apresentamos considerações que apontam para algumas interpretações possíveis destas situações e indicamos questões a serem respondidas posteriormente.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisismo. Estádio do Espelho. Esquemas Ópticos de Lacan.

¹ Licenciado em Física e mestre em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorando em Ciências da Linguagem na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Professor de Física desde 1998 e atualmente lotado como Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na Escola de Aprendizes Marinheiros de Santa Catarina. Servidão Luiz Pinheiro de Lima, 187, Saco dos Limões, Florianópolis, SC. (48) 3365-7396 e (48) 9989-7575 | marcioect@bol.com.br.

INTRODUÇÃO

A questão da identificação sempre ocupou lugar de destaque no campo da Psicanálise, desde os primeiros textos de Freud. Quando a criança toma consciência de si mesma e passa a reconhecer seu corpo como uma unidade para poder dizer 'eu'? Podemos encontrar uma resposta para esta questão na teoria psicanalítica proposta por Sigmund Freud. Visto pela teoria freudiana, temos dois 'eus': um eu consciente, no sentido de *ego* em latim ou de *moi* em francês e um eu inconsciente, *je* em francês. Para Freud, a saga do 'eu' começa com o período do autoerotismo, período do desenvolvimento humano no qual o bebê constitui o próprio corpo como objeto de amor. Nesta fase ele ama seus pezinhos, suas mãos, mas ainda não consegue perceber a separação que existe entre ele e a mãe. Sem ter ainda suas pulsões devidamente organizadas, o bebê toma o corpo da mãe como extensão do seu, o bico do seio é como extensão de sua própria boca, os dois são ilusoriamente um só.

Segundo Freud (1914/1996), diferentemente das pulsões de autoerotismo, o ego não está presente desde o princípio, pelo menos não de modo independente do Isso. No estágio de autoerotismo há uma indistinção entre id e ego. O ego passa a se desenvolver e diferenciar-se do Isso a partir da relação do bebê com o que está fora dele, com outra pessoa, a mãe por exemplo. Para Freud, é pela adição de "uma nova ação psíquica" que o bebê entra na fase seguinte de seu desenvolvimento, um período que ele denomina como 'Narcisismo'. O narcisismo é considerado por este autor como um estágio de desenvolvimento da libido, situado entre o autoerotismo e o amor objetal. No narcisismo o bebê também é centrado em si mesmo e ama a si próprio, mas neste estágio já consegue reconhecer sua imagem separada da imagem da mãe, fato que, segundo Freud, é prova de que nesta fase o ego passa a se manifestar independente do id, e é isto que a distingue da fase da anterior, do autoerotismo. Entretanto, esta 'nova ação psíquica' que, segundo Freud, por um processo de identificação primária, proporciona o desenvolvimento do ego e a libertação da fase de autoerotismo, nunca foi devidamente explicada por ele.

O ESTÁDIO DO ESPELHO

Esta questão acerca do narcisismo, deixada em aberto por Freud, encontra resposta na teoria do 'Estádio do Espelho' proposta por Jacques Lacan. Lacan desenvolve essa teoria a partir das pesquisas do psicólogo Henri Wallon acerca da 'Prova do espelho', experiência pela qual a criança colocada diante de um espelho, primeiramente entra em estado de júbilo com sua imagem e, posteriormente, passa a distinguir seu próprio corpo da imagem refletida no espelho. Segundo autores como Bleichmar & Bleichmar (1992) e Netto (2011), a teoria do estágio do espelho tem suas bases filosóficas fundadas nas reflexões de Hegel acerca da *Fenomenologia do Espírito*, especialmente a *Dialética do Senhor e o do Escravo*. Estes autores destacam que, para Hegel, a identidade se constitui por meio de numa relação dialética de interdependência entre os sujeitos e a intersubjetividade se estrutura a partir da demanda do reconhecimento: és meu escravo e, por isso, reconheço-me como teu senhor. Não há senhor sem escravo e vice-versa. A identidade não se constitui positivamente e sim na relação, na alternância com o outro. Eu sou o que outro não é e, portanto, minha existência e meu desejo se estruturam pelo desejo e pela falta do outro.

A teoria do 'estádio do espelho' estrutura-se a partir da experiência de identificação da criança com a imagem de seu próprio corpo refletido no espelho. É esta identificação primordial que irá promover a estruturação do 'Eu' na medida em que o bebê percebe, nesta imagem, o seu corpo como uma unidade inteira, pondo fim a uma vivência psíquica singular que Lacan define como 'fantasma do corpo esfacelado'. Trata-se de uma conquista que é da ordem do registro Imaginário, pois ele identifica-se a partir de uma imagem, algo com o qual ele se reconhece, mas que não é ele efetivamente. Nesta experiência revela-se a alienação ao imaginário, uma relação dialética entre o corpo real e sua imagem. Esta imagem se conjuga como um 'eu especular' e assume o lugar do outro.

Apesar de localizar temporalmente o estágio do espelho entre o sexto e décimo oitavo mês de vida, Lacan (1945/1986) adverte que não se trata apenas de um momento do desenvolvimento, uma vez que "tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto Urbild do eu" (Lacan, 1945/1986, p. 91). Trata-se de uma apreensão imaginária da unidade

corporal que se antecipa à própria maturação fisiológica e motora e, sendo assim, “a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real” (Lacan, 1945/1986, p. 96). Para Lacan, o estágio do espelho permite especificar o momento original no qual, a criança estabelece diferenciação entre o seu corpo e o mundo exterior;

É a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda sua vida de fantasia. (...) E é aí que a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu. (Lacan, 1945/1986, p. 96).

Lacan (1949/1998) propõe que o estágio do espelho deve ser entendido como “uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando esse assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.” (Lacan, 1949/1998, p. 97). Para Lacan:

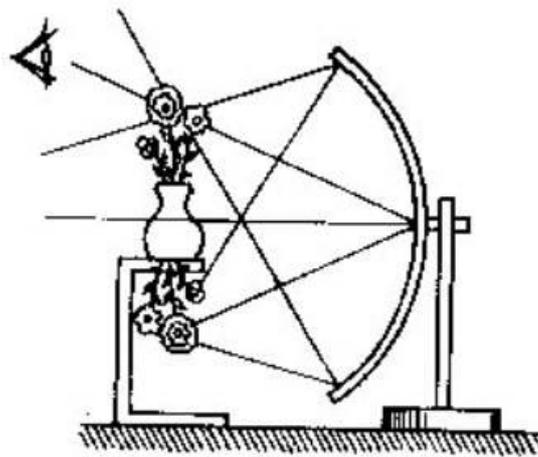
o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (...) o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...) a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas. (Lacan, 1949/1998, pp. 100-101).

OS ESQUEMAS ÓPTICOS

É fazendo referência à tradição freudiana e, de certa forma, reverenciando o mestre Freud e seus ‘esquemas’, que Lacan modestamente apresenta seu primeiro “modelinho, sucedâneo do estágio do espelho” (Lacan, 1954/1986, p. 90). Trata-se de um modelo baseado em princípios da óptica geométrica, mais especificamente naqueles que dão conta da formação de imagens a partir da reflexão da luz em superfícies especulares. Segundo Darmon (1994), Lacan utiliza-se deste modelo, aparentemente simples, tanto para apresentar resposta às questões deixadas em aberto por Freud, como também para apontar algumas limitações dos esquemas freudianos e, além disso, para tentar escapar não só dos ‘deslizamentos simplificadores ou biologizantes’ (Darmon, 1994, p. 90) frequentes em tais modelos, como também daquele aspecto achatadamente euclidiano presente nos mesmos, o

que, particularmente, entendemos como simplificações topológicas que seccionam e limitam o espaço tridimensional, bem como as noções de posição e deslocamento dos elementos dispostos neste espaço [recortado] para constituir a estrutura e mobilizar o funcionamento desses modelos.

O primeiro esquema óptico, tomado como 'forma generalizada do estádio do espelho', é proposto por Lacan (1954/1986) a partir da famosa 'experiência do buquê invertido', atribuída originalmente ao físico Henri Bouasse² e seus estudos sobre óptica geométrica.



(Lacan, 1954/1986, p. 94)

Neste esquema vemos a representação planificada de um experimento óptico no qual, diante de um espelho esférico côncavo que está preso pelo seu vértice a uma base fixa, coloca-se um buquê de flores de cabeça para baixo dentro de uma caixa oca cuja única abertura está voltada para o espelho e sobre ela coloca-se um vaso vazio. Em condições ideais, desprezando-se a espessura da caixa, a linha horizontal que representa o eixo de simetria do espelho deveria tangenciar o fundo do vaso e, conforme descreve Lacan (1954/1986), a base do buquê colocado de cabeça para baixo em seu interior deveria coincidir exatamente com o centro de curvatura do espelho. Além disso, apesar de Lacan não ter dado ênfase a este detalhe, é importante notar que o buquê trata-se de uma fonte de luz secundária e, portanto, não emite luz própria.

² Bouasse, Henri. *L'Optique et photométrie dites géométriques*. Paris: Delagrave, 1947.

Estando satisfeitas estas condições expostas acima, a descrição do fenômeno é a seguinte: um feixe de luz proveniente de alguma fonte luminosa fora da caixa incide sobre o buquê [objeto real] nela contido e reflete difusamente de modo que parte desta luz reorienta-se em direção à superfície côncava do espelho e, sendo refletida por ele, conjuga acima do buquê, no lugar onde está o vaso, uma imagem real deste buquê, do mesmo tamanho e invertida em relação a ele. Neste caso, o que se apresenta para o observador, indicado na figura pela representação de um olho humano, é a imagem real e invertida [orientada de cabeça para cima] daquele objeto real que, para ele é inacessível. Entretanto, como bem lembra Lacan, por se tratar de uma imagem real, a visualização da mesma só pode ser feita diretamente se o observador estiver posicionado estrategicamente na região do espaço delimitada pelo cone de luz que se forma para além do ponto em que se conjuga a imagem a partir do cruzamento dos raios luminosos refletidos pelo espelho. Devidamente posicionado, o observador poderá captar/perceber o vaso real como continente real de um conteúdo que não é o próprio buquê [real] situado dentro da caixa e inacessível a ele, mas é sua respectiva imagem de natureza real e topologicamente simétrica e invertida (desvirada) em relação ao mesmo. Como bem lembra Lacan, a imagem é mais nítida e maior será a ilusão do observador na medida em que este afasta-se da imagem, desde que mantenha-se dentro do referido cone de luz divergente que se forma a partir dela.

Este experimento é conveniente para Lacan e o ‘agrada’³, possivelmente porque, de fato, configura-se num modelo teórico que pode expressar de modo bastante razoável sua teoria do estágio do espelho, uma vez que, assim como na experiência vivida pela criança diante do espelho plano, aqui também constata-se um fenômeno no qual, apesar de a acomodação psíquica se dar no âmbito do registro Imaginário, conforme ressalta Lacan, este esquema “nos permite ilustrar de uma forma particularmente simples o que resulta da intricação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica” (Lacan, 1954/1986, p. 95). Mas, além da relação entre Real e Imaginário, este modesto experimento serve de modelo para explicitar, mesmo que ainda de modo bastante simplista, a importância

³ “Esse pequeno experimento me agradou.” (Lacan, 1954/1986, p. 95).

do Simbólico, pois, se a visualização direta da imagem real só é possível a partir de um certo campo do espaço real, isso implica dizer que o sujeito precisa tomar determinada 'posição' neste espaço real para acessar plenamente o imaginário e, como bem lembra-nos Lacan, sua posição refere-se ao seu lugar no mundo simbólico. Temos aí demonstrado aquele que é o principal fundamento da teoria lacaniana: a intrincação entre Imaginário, Real e Simbólico. Lacan (1954/1986) afirma que:

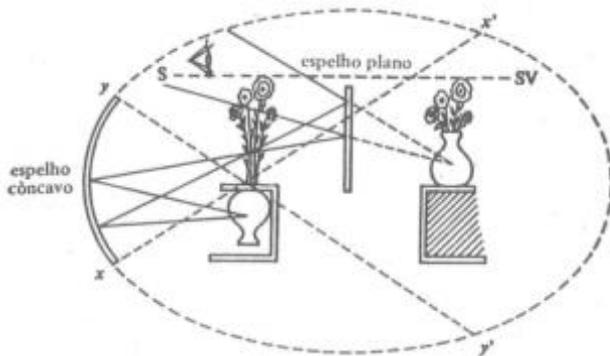
na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito (...) é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra. É desse lugar que depende o fato de que tenha direito ou defesa de se chamar Pedro. Segundo um caso ou outro, ele está no campo do cone ou não está. (Lacan, 1954/1986, p. 97).

Segundo Lacan (1954/1986), uma vez que “o domínio próprio do eu primitivo, *Ur-Ich* ou *Lust-Ich*, se constitui pela clivagem, pela distinção com o mundo exterior – o que está incluído dentro distingue-se do que é rejeitado pelos processos de exclusão, *Aufstossung*, e de projeção.” (Lacan 1954/1986, pp. 95-96), a relação vaso-buquê pode servir de metáfora para abordar as noções de continente e conteúdo, que são de fundamental importância ao se tratar a questão do estado primitivo da formação do eu, em suma, o 'dentro' e o 'fora', como já dissemos antes: o que é e o que não é do eu.

Lacan (1954/1986), propõe que se inverta a posição do vaso e do buquê no esquema, de modo que temos o buquê real contido não no próprio vaso real [dentro da caixa], mas num vaso imaginário que se conjuga como real a partir do espelho. Para sermos mais precisos, podemos dizer que este vaso imaginário é uma imagem real de um objeto real posto dentro da caixa e figura-se como um continente que é conjugado no espaço real a partir de uma dupla reflexão da luz. Parte da luz adivinda de um lugar alhures – sendo sempre não mais que um feixe de luz, ou seja, uma pequena parte da totalidade intangível – , reflete difusamente no vaso real dentro da caixa, segue em direção ao espelho e, ao ser re-refletida por ele, conjuga a referida imagem real em uma posição simétrica à do vaso que está no interior da caixa, inacessível ao observador externo. Assim, estando o sujeito devidamente posicionado no mundo simbólico, poderá captar parte desta luz re-refletida e constatar/perceber diante dele “um mundo em que o imaginário pode incluir o real e,

ao mesmo tempo, formá-lo, em que o real também pode incluir e, ao mesmo tempo situar o imaginário” (Lacan 1954/1986, p.97).

Ainda no Seminário I, ao abordar a questão dos dois narcisismos (primário e secundário) e a diferenciação entre Ideal do Eu e Eu-ideal , Lacan (1954/1986) propõe modificações naquele primeiro esquema pensado a partir do experimento de Bouasse, chegando a outro modelo mais elaborado, no qual a posição do vaso e do buquê diante do espelho côncavo já está invertida e acrescenta-se ao esquema um espelho plano colocado diante do buquê, com sua superfície refletora voltada para ele e orientado num plano paralelo àquele que contém o mesmo, portanto, perpendicular ao plano horizontal que contém o eixo de simetria do espelho côncavo.



(Lacan, 1954/1986, p. 163).

Como vemos na figura, o arranjo [caixa-vaso-buquê] fica posicionado entre os dois espelhos e o olho, ou seja, o sujeito que observa , indicado na figura também pela letra S, está posicionado não mais na região do cone de luz divergente que se forma a partir do cruzamento dos raios refletidos pelo espelho côncavo, pois devido ao desvio produzido em tais raios pelo espelho plano, o sujeito S desloca-se no espaço para (re)posicionar-se, colocando-se agora na região em que se propagam os raios re-refletidos a partir do espelho plano, ou seja, entre o buquê e a borda superior do espelho côncavo.

Desta posição o sujeito vê, à direita do espelho plano, uma imagem virtual do buquê real, uma imagem virtual da imagem real do vaso, sua própria imagem e, dependendo do tamanho e da posição do espelho plano, também a imagem virtual da caixa, ambas situadas respectivamente numa posição que é simétrica/equidistante em relação espelho plano e com orientação espacial não

invertida (de cabeça para cima), porém reversa⁴. Mas, como bem lembra Lacan (1954/1986), “a visão de uma imagem no espelho plano é exatamente equivalente, para o sujeito, ao que seria a imagem do objeto real para um espectador que estivesse para além desse espelho, no lugar mesmo em que o sujeito vê sua imagem” (Lacan, 1954/1986, p. 164). Por isso, Lacan postula que “podemos, pois, substituir o sujeito por um sujeito virtual, SV, situado no interior do cone que delimita a possibilidade de ilusão – é o campo $x'y'$.” (Lacan, 1954/1986, p. 164).

Em consonância com Vanier (2005), concluímos que o primeiro esquema, considerando a inversão proposta por Lacan, ou seja, colocando-se o vaso real de cabeça para baixo dentro da caixa e o buquê sobre ela, além de indicar a necessidade de o sujeito posicionar-se dentro de uma localização previamente determinada por uma exterioridade constitutiva e independentemente dele [não subjetiva] – da ordem do registro Simbólico – para que ocorra, no âmbito do Imaginário, a ilusão própria do estádio do espelho, pode também figurar um tempo anterior ao estádio do espelho, antes de sua relação com o Simbólico, ou seja, um tempo ‘especular’ que marca o já-estar-aí da imagem especular, representando para o sujeito, conforme já mencionamos anteriormente, aquela dicotomia entre continente e conteúdo, ou seja, entre interno e externo, algo de natureza fenomenológica que remete ao que é e o que não é próprio do eu, de modo que, o vaso real figura o envólucro do corpo, situado num lugar inacessível ao sujeito capaz de perceber apenas uma imagem real e invertida que aparece projetada para fora de si, ou seja, como algo desmembrável daquilo que é próprio do eu, enquanto as flores que compõem o buquê figuram os objetos do Eu. Podemos dizer que estes elementos estabelecem entre si uma relação que se aproxima do narcisismo primário e, por conseguinte, com tudo aquilo que não somos, mas nos identificamos e queremos ser, com o que Lacan define como Eu-ideal [Ideal-Ich].

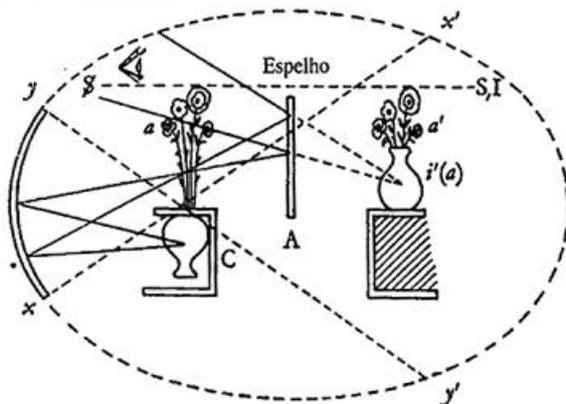
No segundo esquema, com a colocação do espelho plano, temos o sujeito deslocado para uma posição simétrica em relação àquela do primeiro esquema e,

⁴ A imagem conjuga-se de modo que, se comparada com o que se vê quando observemos diretamente o objeto, há uma inversão entre esquerda e direita.

por meio de sua própria imagem virtual conjugada atrás deste espelho, ele pode captar a imagem virtual no qual o envólucro de corpo (vaso) e os objetos do Eu (buquê) aparecem juntos, de forma completa, integrada, o que pode representar a própria ilusão da completude do eu para o sujeito. A imagem real do vaso [ausente na figura] é conjugada na frente do espelho plano, se estabelece pela falta/ausência e só pode ser capturada por meio de sua imagem especular virtual que conjuga-se atrás do espelho plano, ou seja, por uma alienação ao pequeno outro, caracterizando a captura narcísica do Eu-ideal. A ilusão de completude que surge a partir da relação/alienação do sujeito com o outro [alteridade] projetado em sua própria imagem corresponde ao narcisismo secundário.

A partir de sua inclusão no Simbólico, o Eu passa a constituir-se também por um Ideal do Eu [Ich-Ideal], parcela de tudo aquilo que está já-lá, posto no mundo, e lhe é imposto como Lei, determinando-o a partir de padrões definidos socialmente e transmitido por seus antepassados, um Outro (com letra maiúscula) que configura-se como uma exterioridade constitutiva, representado(a) no esquema pelo próprio espelho plano e que, na experiência concreta refere-se ao agente externo que exerce a função materna, ou ainda o discurso do Outro, situado na estrutura da linguagem, que produz também um segundo tipo de alienação na qual o sujeito é um produto da estrutura que o transcende e, assim como o seu semelhante, o outro (com letra minúscula), ambos são, segundo Lacan, “um significante para outros significantes”. Dupla alienação.

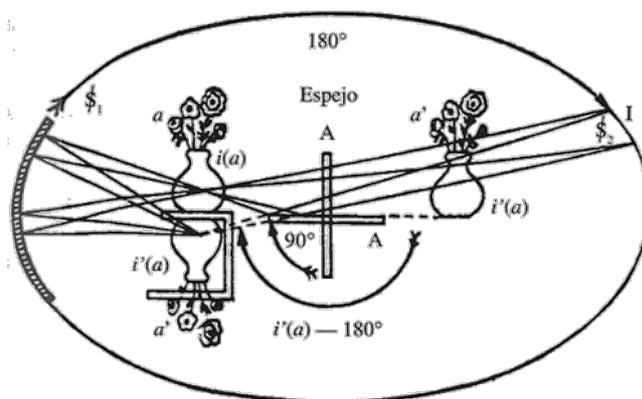
No texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, publicado em 1961, vemos uma nova versão deste esquema:



(Lacan, 1961/1998, p. 681).

Conforme ilustra a figura, as principais mudanças em relação à versão de 1954 são as seguintes: o olho do sujeito real está posicionado exatamente no mesmo lugar, mas agora indicado não mais por S que o designava como algo 'inteiro' e sim por $\$$, que indica um sujeito dividido, constituído pela falta. Além disso, junto à sua imagem virtual conjugada atrás do espelho plano, agora designada apenas por S e não mais por SV, vemos um I, que indica a posição no espaço virtual do Outro em que se constitui o Ideal do Eu. A relação do sujeito dividido $\$$ com o Ideal do Eu é indicada pela linha $\$-----S,I$. Apesar de este detalhe não estar representado no esquema, é importante lembrar que $\$$ só pode ver sua imagem virtual conjugada pelo espelho plano se a linha $-----$ passar abaixo da extremidade superior do mesmo, cortando-a. Isto significa dizer que o espelho [Outro] é o meio pelo qual o sujeito estabelece relação com sua própria imagem, mas é também o que o separa dela.

No seminário 10: a angústia, Lacan (1962/2005, p. 48) apresenta a representação de seu 'Esquema completo'. Neste esquema vemos que, na medida em que o espelho plano [Outro] é rotacionado de até 90° em relação à sua posição inicial, o sujeito é arrastado de $\$1$ até $\$2$, uma nova posição em I [que agora está colocado para além dos limites do Outro], topologicamente equiparada àquela que ocupava no esquema de Bouasse. Agora, desta posição o sujeito pode ver diretamente tanto o buquê [a], quanto a ilusão do vaso invertido e, ao mesmo tempo, a imagem virtual $i'(a)$ conjugada a partir do espelho rotacionado.



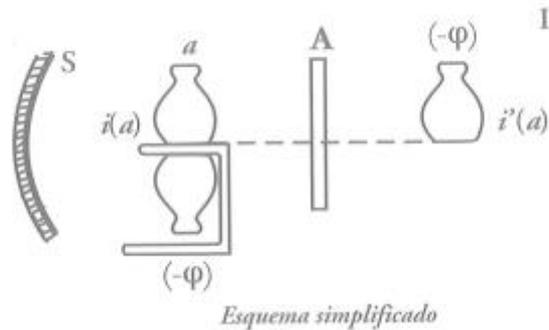
Esquema completo

(Lacan 1962/2005, p. 48).

Juntamente com este esquema completo, Lacan (1962/2005, p. 49) apresenta ainda um 'Esquema simplificado' a partir do qual afirma que o investimento da

imagem especular é um tempo limitado fundamental da relação imaginária, mas que “nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto.”

(Lacan, 1962/2005, p. 49).



(Lacan 1962/2005, p. 49).

Esse resto é caracterizado pelo falo, indicado no esquema simplificado por $(-\phi)$, sob a forma de uma falta. Segundo Bleichmar&Bleichmar (1992), o falo é uma referência à castração, não no sentido biológico do aparelho genital masculino, mas em relação à função do Pai [figura paterna] enquanto mediador da relação entre a Mãe [figura materna] e a criança. Para eles, “essa função paterna se interpõe na relação diática, imaginária, especular, que é verificada entre o bebê e a mãe. É isto a castração.” (Bleichmar&Bleichmar, 1992, p. 153). O pai é um terceiro que, na sua função de mediador, deve transmitir a Lei, pois é ele o portador do nome. É o pai que, nesta posição está simbolizado como aquele Outro que possui o falo, a Lei que será transferida à criança. Conforme nos diz Lacan (1962/2005):

em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí sob a forma de uma falta. Em toda a medida em que se realiza aqui, em $i(a)$, o que chamei de imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é, libidinizado, o falo aparece a menos, como uma lacuna. Apesar de o falo ser, sem dúvida uma reserva operatória, não só ele não é representado no nível do imaginário, como é também cercado e, para dizer a palavra exata, cortado da imagem especular. (Lacan, 1962/2005, p. 49).

O corpo enquanto objeto, não se inscreve como imagem, mas como um furo, uma falha/falta e aparece marcado(a) por este $(-\phi)$, tanto no campo do sujeito, quanto no campo do Outro, constituindo-se como algo que não se projeta na imagem especular. O lugar do Ideal do Eu, marcado pela inscrição I, aparece também num lugar para além dos limites do espelho, uma vez que o Ideal do Eu é algo intangível também para o próprio Outro que o proclama, este I fica portanto

num alhures e configura-se como algo da ordem do Real, nunca plenamente acessível nem para o registro Imaginário, nem para o Simbólico, algo sempre incompleto, sempre em falta. Temos aí, Lacan trabalhando o conceito denominado por ele de objeto a. Segundo Darmon (1994), é essa falha/falta que é cercada por um corte ao nível da imagem especular, precisamente face ao objeto a. Este objeto a configura-se exatamente como essa falta, algo em constante presença-ausência com o qual nos relacionamos, algo que sempre pode ser outro, sempre incompleto e que, portanto, nunca teremos em sua totalidade, mas seguimos insistindo na fantasia de poder alcançá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, podemos dizer que a modelização matemática e a construção de esquemas para representar e equacionar conceitos teóricos, além de estabelecerem de forma clara e objetiva a constituição e o funcionamento daquilo acerca do qual estamos teorizando, deve fornecer subsídios que premitam prever, descrever e explicar diferentes situações, inclusive aquelas que não se pode observar diretamente. Apesar de os diversos esquemas topológicos e matemáticos cunhados por Lacan ao longo de sua extensa obra apontarem para a noção de estrutura, configurando-se como elementos não subjetivos na constituição da teoria lacaniana, desde o primeiro esquema óptico elaborado a partir do experimento de Henri Bouasse, mesmo antes de considerar a possibilidade de inversão de posição entre vaso e buquê, Lacan parece estar preocupado em deixar claro que sua teoria, apesar de utilizar-se de um modelo-esquema tipicamente objetivo, deve caminhar por uma região cuja demarcação entre o que é de natureza subjetiva, com origem marcada no próprio do sujeito e o que é de natureza objetiva e independente deste, parece não estar bem definida.

Quando Lacan (1954/1986) contrapõe-se à uma suposta 'objetividade científica' dizendo primeiro que "Toda ciência repousa sobre o fato de que se reduz o sujeito a um olho, e é por isso que ela está projetada diante de vocês, isto é objetivada" (Lacan, 1954/1986, p. 97), para em seguida postular que "Na vida, as coisas são iteiramente diferentes, porque não somos um olho. (...) na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito (...) é essencialmente

caracterizada pelo seu lugar no simbólico.” (Lacan, 1954/1986, p. 97), parece, pelo menos nesse primeiro momento, tentar afastar-se desta ‘objetividade’. Contudo, sabemos que a tomada de posição deste sujeito no simbólico é algo sob o qual o mesmo não tem pleno domínio, portanto, trata-se de uma subjetividade parcial, que considera o papel do sujeito, mas não o coloca no centro da questão. Além disso, entendemos que, considerar a questão da identificação e da constituição do Eu e do sujeito a partir de uma relação dialógica com seu semelhante e postular sua alienação não só em relação a este pequeno outro como também em relação a um Outro que atua como uma exterioridade constitutiva e funciona, até certo ponto, de modo independente do sujeito, também é uma linha de pensamento que conduz a teoria de Lacan para esta região de fronteira tênue entre objetividade e subjetividade científicas.

Notamos que, ao fugir desta objetividade científica e da ideia de uma ciência ‘projetada’ igualmente para todos, ou seja, para qualquer observador [olho], independentemente de sua posição no mundo simbólico, Lacan (1954/1986) silencia diversas possibilidades de funcionamento dos esquemas ópticos que propõe. Ele parece desprezar o fato de que uma imagem real ao ser projetada num anteparo pode ser vista objetivamente por múltiplos observadores que estejam em diferentes posições do espaço, mesmo que não se coloquem dentro daquele cone de luz em que se pode observar diretamente a imagem real.

Lacan (1954/1986) considera acertadamente que a inversão da posição do arranjo vaso-flor conserva o funcionamento do esquema óptico (Lacan, 1954/1986, p. 96). Entretanto, convém destacar que, como todo modelo-esquema é elaborado para ‘funcionar’ sob condições ideais, talvez seria importante dizer que, no experimento de Bouasse, a superfície do vaso real colocado na parte de cima da caixa, devidamente alinhado com o centro de curvatura do espelho côncavo, conforme propõe Lacan (1954/1986), pode servir de anteparo para a projeção da imagem real do buquê colocado de cabeça para baixo dentro da caixa. Como o buquê é formado não só pelas flores, mas também pelo seus respectivos ramos que lhes servem de base e dão sustentação tanto às próprias flores quanto às folhas, sendo geralmente cortados e montados/estruturados de modo que seu comprimento seja maior que a altura do vaso (continente), ficando sempre parte deste conteúdo

para fora do vaso, sobretudo as flores, é preciso considerar que, se forem satisfeitas as condições ideais, o esquema óptico de Bouasse em sua versão original prevê também uma integração parcial entre continente e conteúdo, de modo que, servindo como tela de projeção colocada no entorno do centro de curvatura do espelho e considerando tanto a materialidade não transparente do vaso quanto sua estrutura tridimensional, o que se observa de algum lugar situado entre o vaso e o espelho, estando o observador fora daquele cone de luz em que se pode ver a imagem inteira do buquê, é a projeção no hemisfério voltado para o espelho, de uma parte deste buquê, ficando invisível toda parte que ultrapassar a altura do vaso, vê-se a imagem real, levemente desfocada de parte dos ramos, vê-se um buquê fragmentado, ‘esfacelado’, ou seja, apenas um pedaço de cada uma daquelas muitas unidades que o constituem, um conteúdo que se coloca parcialmente disponível à percepção e que mantém uma parte de si dissimulada numa presença-ausência.

Apesar de conseguir descrever e explicar perfeitamente tudo aquilo sobre o qual pretende teorizar com seus modelos-esquemas, Lacan silencia o potencial dos mesmos, quando limita-se a explicar seu funcionamento considerando apenas uma única posição possível para o arranjo vaso-buquê, em frente do espelho côncavo. Podemos dizer que a ‘posição’ daquilo que o vaso e o buquê representam é sempre a mesma em relação àquilo que representam os respectivos espelhos? Certamente não. Outro ponto importante é que, ao dizer que o arranjo deve ser colocado “de preferência no plano do centro da esfera” (Lacan, 1954/1986, p. 94), apesar de implicitamente estar dizendo que esta não é a única posição possível, Lacan faz parecer que o comportamento óptico deste dispositivo é tal que as imagens conjugadas por ele são sempre reais, invertidas e do mesmo tamanho que o objeto, sendo esta apenas a posição no qual se obtém melhor nitidez, por exemplo. Entretanto, acreditamos que ser importante considerar que não se trata de ‘preferência’, mas de uma condição necessária, pois a imagem conjuga-se deste modo descrito por ele apenas quando posiciona-se o objeto real no plano do centro de curvatura do espelho, mas se a posição e/ou a natureza (real ou virtual) deste objeto não for esta, teremos a imagem conjugada de outro modo e em outro lugar que não este descrito por Lacan. Vejamos outras possibilidades.

Primeiramente, se um objeto real é colocado em uma posição mais afastada do espelho, para além do centro de curvatura, sua imagem conjuga-se real, menor e invertida em relação ao objeto, num plano entre o centro de curvatura e o foco do espelho côncavo, sendo que, quanto mais o objeto afasta-se do espelho a partir do centro de curvatura em direção a um alhures no infinito, mais sua imagem real e invertida aproxima-se do foco e menor ela fica. O foco situa-se no ponto médio entre o centro de curvatura e o vértice do espelho. Se o objeto real é colocado entre o centro de curvatura e o foco, sua imagem conjuga-se para além do centro de curvatura e será real, maior e invertida. Quanto mais o objeto real aproxima-se do foco a partir do centro de curvatura, mais a sua imagem real e invertida afasta-se do espelho em direção àquele alhures intangível no infinito e maior ela fica. Se o objeto real for colocado num ponto entre o foco e o vértice do espelho, sua imagem será direita, maior que ele e irá conjugar-se atrás do espelho, sendo portanto virtual. Quanto mais o objeto real aproxima-se do foco a partir do vértice do espelho, mais sua imagem virtual afasta-se do espelho no espaço virtual atrás dele em direção ao infinito [alhures] e maior ela fica.

Existem ainda outras possibilidades. Se o objeto real for colocado exatamente no plano focal do espelho, os raios de luz que incidem no espelho a partir dele serão refletidos paralelos uns aos outros e, neste caso, diz-se que a imagem é Imprópria, conjuga-se no infinito, naquele alhures intangível que, a meu ver, seria algo da dimensão do Real. Mas esta imagem pode ser vista objetivamente por múltiplos sujeitos-observadores colocados em inúmeras e distintas 'posições' do espaço real, mediante um anteparo de projeção colocado neste espaço. Poderíamos dizer que, sem o anteparo, esta imagem fica projetada neste alhures Real e que é daí que advém toda luz que faz o esquema óptico funcionar, sendo ela sempre parte de uma totalidade intangível. Simetricamente, de acordo com o Princípio da reversibilidade dos raios luminosos [e a experiência comprova isso], se apontarmos o espelho na direção do infinito [alhures], para uma grande fonte de luz tão distante que seus raios luminosos incidam no espelho côncavo paralelos uns aos outros, eles convergirão todos para algum ponto real no plano focal do espelho, concentrando num ponto real deste plano uma grande quantidade de luz. Se os raios luminosos incidentes forem paralelos ao eixo de simetria do espelho este ponto de

convergência coincidirá com o foco principal do espelho, situado sobre o eixo de simetria, exatamente no ponto médio entre o centro de curvatura e o vértice.

Como podemos perceber, para cada posição possível deste arranjo diante do espelho côncavo, temos diferentes condições de formação da imagem conjugada por meio dele e, conseqüentemente, também daquela que será conjugada pelo espelho plano a partir desta primeira e isso independe da posição do sujeito-observador. Queremos dizer que, metaforicamente, se os espelhos representam algo exterior ao sujeito agindo na sua constituição, é preciso considerar sempre que, independentemente de sua 'posição' no mundo/espço iluminado, mesmo que ele não possa acessar/captar alguma dessas imagens, seja por não estar devidamente posicionado, seja por falta de um anteparo de projeção ou por qualquer outra causa, os 'aparelhos reflexivos' não deixam de atuar e, portanto, essas imagens estarão devidamente conjugadas/objetivadas em algum lugar do espaço real ou virtual, constituindo-se como um já-estar-ai, desde que o elemento externo primordial não falte: a Luz.

Ela é este agente externo que pode ser advinda tanto de uma fonte próxima e detectável, quanto de um alhures intangível no qual a fonte, segundo o ponto de vista deste observador puntual próximo ao campo do espelho, parece estar dispersa, sem limites/parâmetros que possam lhe dar uma forma e uma posição bem definidas. É possível considerar esta luz, pouco tratada por Lacan na explicação de seus esquemas ópticos, como sendo uma metáfora da Linguagem? Por enquanto, minha resposta a esta questão é que, talvez sim. Mas quais seriam os desdobramentos desta consideração? Vamos seguir investigando.

Queremos finalizar dizendo que a motivação para escrever este breve ensaio foi o fato de que, ao lançarmos um olhar de professor de Física sobre os esquemas ópticos de Lacan, pareceu-nos estranho o autor ter explorado apenas esta única posição do arranjo vaso-flor diante do espelho côncavo mesmo depois de ter expandido seu modelo com a colocação do espelho plano no esquema. Obviamente, não temos a pretensão de corrigir Lacan, mas de adotar sua obra como alicerce para promover um gesto de leitura acerca dessas outras possibilidades de posicionamento do arranjo vaso-buquê e, a partir das diversas considerações aqui apresentadas, tentar elaborar significados/sentidos possíveis dentro da teoria

lacaniana, pois acreditamos que uma investigação mais detalhada dessas possibilidades poderia condizir à aproximações entre estes esquemas ópticos e os diversos esquemas topológicos e matemáticos elaborados por Lacan, diferentes daquelas que já tenham sido feitas considerando apenas esta única posição no centro de curvatura do espelho. Se não, tal investigação poderia, pelo menos, elucidar porque o mestre Lacan silenciou tais possibilidades.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, Norberto M. & BLEICHMAR, Célia L. A Psicanálise depois de Freud: teoria e clínica. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1992.

DARMON, Marc. Ensaio sobre a Topologia Lacaniana. Tradução de Eliana A. N. do Valle. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1994.

DOR, Joël. Introdução à Leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Tradução de Carlos Eduardo Reis. Alegre-RS: Artes Médicas. 2ª edição, 1992.

FREUD, Sigmund (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques (1945). O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor, 1986.

_____ (1949). O Estádio do Espelho como formador da função do eu – tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor. (pp. 96-103), 1998.

_____ (1961). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. In: Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor. (pp. 647-691), 1998.

_____ (1962). O Seminário, livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar editor, 2005.

NETTO, Geraldino A. F. Doze Lições sobre Freud & Lacan. Campinas-SP: Pontes editores. 2ª edição, 2011.

VANIER, Alain. Lacan. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Coleção Figuras do Saber. Vol. 13. São Paulo-SP: Estação Liberdade, 2005.

CONSIDERATIONS ABOUT THE MIRROR STADIUM AND THE LACAN OPTICAL SCHEMES

ABSTRACT

In this research paper, the aim is to analyze the approach Jacques Lacan gives on some optical schema in order to formulate his Mirror Stage from a narcissistic perspective. From a Physics Teacher's point of view, we describe an image formation in physical situations that are different than the one that was explored by Lacan. Based on the Lacanian theory, we present considerations that indicate some possible interpretations of those situations. Also, we raise questions to be answered in a future studied.

KEYWORDS: Narcissism. Mirror Stage. Lacan's Optical Schema.

CONSIDERATIONS SUR LE MIROIR STADIUM ET REGIMES DE LACAN OPTIQUE

RÉSUMÉ

Dans ce travail nous prenons comme point de départ la question du narcissisme en vue d'analyser la façon dont Jacques Lacan utilise certains schémas optiques pour formuler sa théorie du Stade du Miroir. Posant sur ces schémas un regard de professeur de physique, nous décrivons comment se produit la formation des images en situations physiques différentes de celle qui fut exploitée par Lacan. A partir de la théorie lacanienne, nous présentons des considérations qui tendent vers quelques interprétations possibles de ces situations et indiquons des questions auxquelles nous répondons ultérieurement.

MOTS-CLÉS : Narcissisme. Stade du Miroir. Schémas Optiques de Lacan.

Recebido em: 01-08-2016

Aprovado em: 16-09-2016

© 2016 Psicanálise & Barroem revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>